

## TRADIÇÃO E SUSTENTABILIDADE

A Casa de que desta vez aqui se fala fica na Quinta da Beloura – um dos condomínios da região de Lisboa, entre Sintra e Cascais.

No seu projecto e na sua construção, procuramos – todos quantos lá interviemos – cumprir com um programa de qualidade bastante acima da média.

A casa integra-se num terreno sem grande história ou estória – o lote -, num dos arruamentos “cul-de-sac” deste condomínio, com vistas bastante simpáticas para Poente, abrangendo um dos “buracos” do golf da Beloura e, ao fundo, a Serra de Sintra, com o seu perfil sempre fantástico.

Para além das vistas e da regulamentação própria do condomínio, aplicável a este lote, o único aspecto a ter em consideração, neste processo, era o de existir um desnível entre duas “plataformas” de terreno, de cerca de um piso. E assim se resolveu o programa da casa que se divide em 3 pisos (cave + piso térreo + 1º. andar) e um sótão de que se aproveitou parte da área.

Na cave colocámos a garagem para os automóveis, arrumos diversos, áreas de equipamento e uma área de apoio ao jardim e à piscina, incluindo uma pequena copa e I.S. com duche e zona de vestiário.

No R/C colocámos as salas, cozinha e respectivos compartimentos de apoio, uma biblioteca com área de trabalho e um quarto com respectiva casa de banho.

As salas abrem para um terraço bastante amplo, pergolado, com ligação ao jardim, do qual se apreciam as vistas atrás mencionadas.

No 1º. andar ficam os quartos, com as suas casas de banho e áreas de arrumo e, no sótão, colocámos mais arrumos, podendo parte ser aproveitado para local de recreio ou estudo, pelos mais novos.

Uma nota para o efeito especial que produz a sala de estar, com o seu duplo pé-direito, para a qual deita, no 1º. andar, um corredor de acesso aos quartos.

O jardim segue, em pequena escala, o modelo de jardim de quinta de recreio português, de várias “salas” ou espaços, separado por ruas, sebes ou outro tipo de acontecimentos.

No seu desenho seguimos um conceito de raiz tradicional – na forma de compartimentar, na volumetria, na escala, nos materiais, nos detalhes – com alguma concessão a formas ou notas de estilo um pouco mais abstractas – na depuração de alguns elementos, na fluidez de alguns dos espaços e na aplicação de um ou outro material mais “fashion”.

O resultado segue, apesar disso, claramente, o modelo das casas da região de Sintra, com alguma influência “mourisca”, se assim de poderá dizer, aqui mais visível no desenho do alpendre da entrada - com cúpula abatida - e nos vãos, ao qual não é alheio também o uso de granito da região nas cantarias.

Claro está que, para além dos aspectos relacionados com o desenho propriamente dito ou com a concepção dos espaços e da escolha dos materiais, houve que fazer a conciliação de tudo isso com os equipamentos mais diversos – infraestruturas,

aquecimento, etc... - dotando assim a casa das melhores condições de conforto de que hoje podemos dispôr nestas tipologias construtivas.

A este último aspecto não é alheio – pelo contrário, é sempre um factor de primeira importância no nosso trabalho – o factor “sustentabilidade” (termo que começa a ficar um pouco gasto mas que, à falta de melhor, serve perfeitamente). O que quero dizer é que quando desenhamos a casa, quando escolhemos os materiais, quando, resumindo, pensamos o projecto – esse processo – temos o dever, e cada vez mais, de procurar minimizar a necessidade de meios artificiais na obtenção dos níveis de conforto hoje exigidos.

Isto faz-se orientando a casa e os seus vários compartimentos correctamente, segundo a trajectória solar, conferindo à construção a melhor inércia térmica possível, com uma boa escolha de materiais e depois jogando com os vãos, com a sombra, com o sol, com os elementos ou com a natureza, nesse processo conceptual.

Claro que estamos longe de dispensar totalmente os meios artificiais e ... enquanto vai havendo petróleo ... e o conseguirmos ir pagando ... não fazemos muito mais do que isto que atrás referia.

Mas talvez não estejamos tão longe quanto isso de termos que repensar todos estes aspectos e encarar o problema de forma mais pragmática, em vez de enfiarmos a cabeça na areia, fingindo que está tudo bem.

Será talvez melhor que comecemos a pensar nisso já e procurarmos soluções para a nossa maneira de habitar, trabalhar e viver que nos permitam enfrentar os tempos que se avizinham, em vez de continuarmos a pensar a arquitectura e a cidade apenas como objectos de moda e do exercício de vaidades pessoais, o que não exclui a qualidade estética.

Procurarmos em integrar mais a habitação com o trabalho e as demais tarefas que executamos durante o dia – reduzindo a dependência do automóvel, da estrada e de tudo o mais que isso implica de gasto inútil, de quantidades de energia que não poderemos em breve pagar ou “sustentar”, voltarmos a fazer cidades em vez de “quintas”, “shoppings” ou “parques” e, nas nossas casas, usarmos soluções e técnicas que reduzam essa dependência energética, estimulando até a pequena média indústria local – como aqui fizemos com os canteiros, magníficos, extraordinários artífices, como há muito não via, ou os carpinteiros, igualmente fantásticos, mantendo o essencial daquilo que lhes foi sendo transmitido pelos seus pais ou mestres e introduzindo inovação, melhorando sempre.

É essa relação entre tradição (no seu verdadeiro e único sentido) e sustentabilidade que, neste como noutros projectos, nos anima e nos estimula a procurar sempre melhores soluções, integrando essa descoberta ou esse fazer cada vez melhor com aquilo que sempre funcionou bem, mantendo o fio da história ou da cultura local e, assim, também, a nossa própria identidade como povo, numa determinada região, num mundo que se globaliza.

José Baganha